OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 895

10 DE NOVEMBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DOM JOSÉ ALVES MARIZ, BISPO DE BRAGANÇA

CHRONICA OCCIDENTAL

Inaugurou-se hontem no Largo do Quintella o formoso monumento a Eça de Queiroz, obra prima do cinzel de Antonio Teixeira Lopes, que, sendo uma celebridade europeia, muito honra a nossa terra.

Composição de verdadeiro artista, para executal-o inspirou-se o esculptor nas seguintes palavras do romancista: «Sobre a nudez forte da Verdade, o manto diaphano da Phantasia.

Nada mais bello do que a estatua da Verdade, nua da cintura para cima, braços abertos, como a offerecer sua prodigiosa belleza ao escriptor, que do alto do seu pedestal a contempla. Como monumento d'arte decorativa é dos melhores que temos visto; é dos melhores tambem como intenção.

E que bello retrato o do Eça de Queiroz! Como n'aquella testa, n'aquelle olhar, no sorriso, entre doce e ironico, d'aquella bocca se desenha seu alto, mas complicado espirito. Não é um retrato executado n'uma epoca determinada, é muito mais; é o producto d'uma observação prolongada, d'uma comprehensão de artista, é um conjuncto de expressões diversas em que todas as modalidades d'um espirito se reunem n'um esforço d'arte raras vezes entre nós realisado. Está ali o Eça das *Farpas* e o carinhoso auctor da *Cidade e as serras*.

Exaltemos o artista vivo, que soube assim exaltar um morto e ajudal-o na conquista da immortalidade.

A muitos commoveria a cerimonia da inauguração, mas uma alegria interior d'ella fez um caso de festa.

A semana foi de mortos, que n'elle a egreja os commemorou. Para muitos, que n'esse dia triste falam com as saudades do coração, o dia foi de lagrimas. Bom foi que viesse depois um outro que nos dissesse que os mortos alguma coisa deixam na terra, que para sempre ha de viver entre os vivos.

Felizes na morte os que deixaram amigos para d'elles se lembrarem.

Fez hontem oito dias encheram-se os templos pela manhã e os cemiterios á tarde. Dia tão triste na terra deve ser de alegria entre os mortos.

Nada mais commovente na religião christã do que esta communicação que nos permitte entre os que ficam chorando e os que se foram para sempre.

Um acaso trouxe-me ás mãos no dia anniversario da morte de Urbano de Castro a chronica que para o *Occidente* escrevi faz hoje um anno.

Reli-a. Falava de mortos. De quatro nem menos, que o principio do inverno havia levado, homens conhecidos em meios differentes e n'elles estimados.

Faz hoje um anno, aqui falei de Guilherme Fernandes, o valente commandante de bombeiros do Porto, heroicamente morrendo no hospital depois d'uma perigosissima operação; falei de José de Avillez, que tão conhecido foi na sociedade de Lisboa; de Lino de Assumpção, trabalhador infatigavel, que tanta vez visitei em seu tranquillo gabinete da Bibliotheca de S. Francisco; de Urbano de Castro finalmente, cruelmente roubado á amizade dos amigos, depois que umas melhoras, que eram a visita apparente da saude os havia enchido de esperança, ainda que nunca muito houvessem temido o desenlace fatal que tão perto já estava.

Les morts vont vite, diz um dictado francez. Nem sempre. Se a amizade deitou raizes fundas, podem ellas mais do que a morte; se a fé nos allumia as almas, a morte não passa d'uma breve ausencia, e dá-nos a religião maneira de mais apertar laços que a morte não pode desfazer.

Por muito certo o asseveramos, estes mesmos a que, faz um anno hoje, aqui fizemos um pequenino necrologio, tiveram quem d'elles se lembrasse no dia que d'elles é, e espalhasse em volta de seus tumulos umas flores, e por elles enviasse a Deus uma oração.

Les morts vont vite, não quer sómente dizer que esquecem, quer dizer que se esquece a gente de cumprir o que em vida, por agradar-lhes, faria.

Não pensou assim o Conde de Arnoso, e bem haja. Nem em vida do amigo elle poderia cumprir o que desde a morte do escriptor deu em ser como obrigação que a si mesmo se impoz.

E pensando agora a gente n'aquelle que tanto nos fez rir e nos fez chorar, estima que, por

entre saudades que nos deixou, nos dê ainda a alegria de o vermos honrado em sua memoria por seus amigos e companheiros e por um artista que poucos egualaram.

Não ha em praça publica de Lisboa monumento mais bello do que este, que a Teixeira Lopes mereceu a mais funda dedicação. Dias e dias, depois de collocado o grupo em seu logar, elle ali esteve, de escopro e cinzel na mão, aperfeiçoando o marmore, dando-lhe os ultimos toques, desde o romper d'alva, muita vez, até ao sol posto.

Mais alguma coisa nossa temos felizmente para mostrar a El-rei D. Affonso XIII de Hespanha, que, segundo dizem as gazetas, addiou a sua vinda a Lisboa para 10 do mez que vem. Ao passar n'aquelle ponto, com seu estadão, apontem-lhe ao menos a obra d'um moderno artista portuguez, já que de pouco mais podera fazer ideia de coisas de arte em Portugal.

Continua constando que a recita de gala se realisará no theatro de S. Carlos com uma companhia tento não caias ou pouco melhor, que durante umas duas horas aborrecerá profundamente S. Majestade catholica, não lhe offerecendo a mais pequenina novidade, muito até pelo contrario.

Se elle fosse a Paris, a Stockolmo, a Berlim, a Roma, decerto lhe mostrariam o theatro nacional; aqui parece que seria vergonha apresentar-lhe os Rosas e o Brazão, a Virginia e o Ferreira da Silva o Mello a Lucinda, a Rosa Damasceno, o Valle, a Adelina, e alguns mais, e até o velho, incomparavel Taborda, que de bom grado, faria mais um sacrificiosinho.

De coisas portuguezas verá apenas uma toirada, provavelmente má, que não é natural, tendo geralmente os lavradores apresentado durante o verão tão máos curros, que os bois marrem em dezembro por cerimonia para com o real visitante.

Em dezembro não podem as illuminações ser feitas no Tejo e é até muito possivel que façam fiasco na Avenida da Liberdade.

Sejam lindas embora, que novidade apresentam? Que se póde obter da Avenida illuminada que em Madrid não se obtenha? Serão as philarmonicas nos coretos, tocando a meia duzia de compassos do hymno hespanhol que hão de enternecer o joven monarcha?

Porque não dar-lhe ao menos um espectaculo que fosse genuinamente portuguez e n'um theatro de declamação? Tão difficil seria arranjar o programma, uns versos de Gil Vicente, um acto do Frei Luiz, uns córos de musicas portuguezas, uma scena do Taborda?

Mostram-lhe de certo o Portugal velho, os Jeronymos e Cintra, a Torre de Belem, Mafra talvez. Porque lhe escondem, como se fosse vergonha, o Portugal moderno nas suas manifestações d'arte?

O rei de Hespanha ha de forçosamente pensar em Filippe IV, ao penetrar na fronteira; ha de lembrar-se que lhe fôra grato a suas ambições ter herdado de seus maiores o throno de Portugal, e Filippe IV e o Conde Duque hão de apparecer-lhe como nodoa na historia gloriosa de sua terra. Não cuidamos que elle deseje o apparecimento milagroso d'um novo Duque d'Alba, não; mas d'ahi a não ter uma certa pena do que se deu em Montijo e Elvas, no Ameixial e em Montes Claros, vai muito.

Mas se o Portugal d'hoje não se lhe revelar joia de preço, que excite ambições, elle dirá ao passar de novo a fronteira: Se Luiz de Haro e D. João d'Austria se deixaram bater, não foram maus generaes, foram só bons diplomatas.

E voltará contente para a complicada politica dos seus governos, tencionando para sempre deixar seus visinhos em paz. Se é o que desejam conseguir d'elle, não estarão muito longe de acertar.

A vinda annunciada de D. Affonso XIII já teve em todo o caso uma vantajem: deu descanço por um tempo aos boatos de crise. O ministerio agora decididamente, não póde cahir.

O mesmo não succede por partes, e d'um automovel em que andava, cahiu ha dias o sr. Ministro da guerra, ferindo-se na testa por forma que teve immediatamente que recolher a casa. Felizmente, devido a cuidados immediatos, não offerecem gravidade os ferimentos, que, ainda assim, sobresaltaram, com a noticia que correu, os amigos do sr. general Pimentel Pinto.

Brevemente estará restablecido e com seu intelligente amor ás coisas militares decerto concorrerá para que nos honre a parte dos festejos ao monarcha hespanhol, cuja responsabilidade pertence ao ministerio da guerra.

A arte bellica nos salve da má figura que vão fazer as outras artes.

ITALIA VITALIANI

E agora para fechar um bocadinho de arte estrangeira.

Tem estado no theatro da Trindade uma companhia dramatica, dirigida pela actriz italiana Vitaliani, que tem despertado bastante a attenção dos que apreciam a boa arte de representar. Foi grande o exito obtido pela *Magda*, em que a formosa actriz demonstrou quanto póde, até no repertorio moderno. O publico que, ao principio, se mostrou frio vai-se pouco a pouco convencendo de que Vitaliani é uma artista de valor.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

DOM JOSÉ ALVES DE MARIZ

(Bispo da diocese de Bragança)

Passa no dia 15 de novembro o 18.º anniversario da sagração episcopal do Rev.mo Bispo de Bragança, Dom José Alves de Mariz.

Para solemnisar tão sympathico anniversario publicamos o retrato d'este insigne Prelado portuguez, fazendo-o acompanhar d'alguns traços biographicos em que se entremostrem as benemerencias e outras manifestações de zêlo apostolico, talento e nobreza de caracter do Sr. Bispo de Bragança, durante o periodo, já longo, do seu governo.

De familia honesta e muito piedosa, nasceu o Sr. Dom José Alves de Mariz na cidade de Coimbra, a 5 de fevereiro de 1844, sendo seus progenitores Joaquim de Mariz, ourives, e Dona Maria José da Costa Pinto de Mariz, ambos da regiao da Bairrada.

Possuidora de bens de fortuna, vivia feliz e despreoccupada esta bondosa familia quando a adversidade veiu prova-la rudemente. Todos aquelles bens, que representavam a legitima e os suores do honrado e activo industrial, desappareceram no sorvedouro de uma voraz demanda.

E' a partir d'esta epocha que principia a delinear-se a figura sympathica do novel estudante, que cursava então o Lyceu de Coimbra, onde á custa do seu trabalho e talento havia grangeado bem merecidos louros. Erá tanta a sisudez do seu caracter e tão solidos os creditos da sua instrucção que tomou a iniciativa, digna da sua generosa alma, qual foi dedicar-se a leccionar nos momentos que o seu estudo lhe deixava vagos, d'onde desde logo começou a tirar os proventos necessarios para custear as despezas proprias e não raro as da casa paterna, á qual assim tributava a sua muita gratidão.

Aos 16 annos de edade matriculou-se o Sr. José Alves de Mariz no 1.º anno da Faculdade de Theologia da nossa Universidade. Obteve distincções, tendo no fim do seu curso (1866) referencias muito honrosas do professorado que deveras o estimava.

Continuou, depois de formado, no ensino particular de humanidades, esperando pela edade canonica para se ordenar, recebendo o Presbyterado na cidade do Porto, em 1868, no sabbado de Lazaro. Cantou a sua primeira missa na Egreja que foi do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, no domingo de Paschoa, 12 de abril do mesmo anno, sendo-lhe dadas então inequivocas provas de estima por um grande numero de patricios seus, que, cheios de satisfação estreitavam em seus braços o novo levita merecedor de tantas sympathias.

Em 1869 foi convidado pelo Vigario geral de Aveiro, o Dr. Manuel Augusto de Souza Pires de Lima, para professor do Curso Ecclesiastico d'aquella Diocese, onde regeu distinctamente as cadeiras de Hermeneutica Sagrada, Direito Canonico e Theologia Moral, leccionando ao mesmo tempo preparatorios no Collegio Aveirense; alli se demorou até 1884, anno em que se fechou aquelle Seminario por effeito da extincção da Diocese de Aveiro no anno de 1882.

Até certa epocha da sua permanencia em Aveiro vivia o Sr. Dr. José Alves de Mariz em companhia de seu venerando Tio o Sr. José Simões de Paiva, abastado proprietario e Administrador da Companhia dos Tabacos n'aquelle districto.

Passou o nosso biographado a ensinar Theologia Dogmatica no Seminario de Coimbra, succedendo na cadeira ao Dr. Augusto Eduardo Nunes, que pouco antes fôra nomeado coadjutor e futuro successor do Metropolita de Evora.

O Sr. Bispo Conde, Dom Manuel Corrêa de Bastos Pina, que muito bem conhecia a competencia e excepcionaes dotes de ensino do Dr. José Alves de Mariz, viu, com prazer, que o novo professor havia substituido dignamente o Dr. Eduardo Nunes.

Corriam-lhe felizes e formosos os dias sob o ceu ridente da sua amada Coimbra, no remanso do seu lar, no seio da familia que estremece, e no convivio dos seus amigos que lhe dedicavam particular estima, quando a Providencia o escolheu para pastorear a Diocese de Bragança, uma das mais vastas do Reino em superficie.

Tratando-se de eleger Prelado para esta Diocese, propoz o governo de Sua Magestade, em 21 de julho de 1885, para aquelle elevado cargo este illustre professor, sendo, no dia 30 do mesmo mez, preconizado o Rev.mo Sr. Dom José Alves de Mariz, Bispo da Diocese de Bragança.

A proposito d'este facto, talvez unico, escreve o *Conimbricense* de 2 de agosto d'aquelle anno o seguinte:

«Sabemos que no consistorio celebrado em Roma, na quinta feira ultima, fôra preconizado Bispo de Bragança o nosso respeitavel patricio o Sr. Dom José Alves de Mariz.

E' sem duvida a primeira vez que se dá o facto de mediarem apenas oito dias entre a nomeação de um Prelado pelo governo portuguez e a sua confirmação em Roma.

O novo Prelado de Bragança póde, e temos plena confiança de que ha de desempenhar com todo o zêlo evangelico a alta missao do Episcopado.

Aquella Diocese tem quasi sempre estado orphã dos seus Prelados, porque em regra, mesmo quando os tem, pouco tempo alli permanecem.

A maior parte das povoações do Bispado de Bragança nunca foram visitadas por um Prelado; são faceis de ver as consequencias que d'este abandono podem provir em prejuizo da Religião.

As virtudes evangelicas e dedicação pelo cumprimento dos seus deveres bem reconhecidas em o nosso patricio, de certo hão de fazer com que a Egreja e o Estado muito tenham a ganhar com a sua elevação a este importante cargo na Diocese de Bragança.»

Effectivamente, como bem escrevia o *Conimbricense*, o seu zêlo teria que desbravar muitos abusos, radicados ha longo tempo n'aquelles povos, e a sua rara energia estava destinada a exercer-se brilhantemente em todas os ramos do governo Ecclesiastico.

Sagrado em Lisboa na Egreja dos Martyres pelo Nuncio Apostolico Vicente Vanutelli, a 15 de novembro de 1885, deu entrada na sua diocese em janeiro do anno seguinte.

As primeiras providencias a que o nobre bispo se dedicou, apenas tomou assento na sua diocese, foram a iniciação das visitas pastoraes, a reforma do Seminario, material e moralmente considerada, e a do ensino theologico e secundario.

Sabendo perfeitamente das enormes vantagens que lucram os povos com as visitas do Prelado que espiritualmente os rege, não hesitou um momento de pôr em acção este difficil encargo pastoral; não lhe puseram estorvo a falta quasi absoluta de communicações na provincia transmontana, muito abandonada e esquecida das regalias da civilisação; percorre grande parte da diocese, visitando mais de cem freguezias.

Tudo alli faltava! O povo era crente, é verdade, mas tinha a sua fé eivada de muitos prejuizos que era preciso extirpar, tal era a grande rudeza em que estava mergulhado.

Superstições, com escandalo grave, filhas da ignorancia e da má orientação religiosa, foram a pouco e pouco desapparecendo, graças á instrucção mais solidamente ministrada ao clero parochial, e á catechese incessantemente recommendada por este zelosissimo pastor.

Assim a lamentavel miseria espiritual, que o sr. Bispo de Bragança encontrou arreigada nos povos, foi, pela sua reconhecida prudencia ao cabo de muitos annos, desapparecendo do rebanho a que tão carinhosamente dedicou as suas faculdades e o seu amor.

Uma das medidas de grande alcance para a disciplina ecclesiastica e boa ordem do governo diocesano, que se effectuaram por occasião das primeiras visitas pastoraes do sr. Bispo aos differentes arciprestados, foi a extincção do vicariato de Moncorvo.

A existencia d'este vicariato tinha razão de ser quando pertenciam á Archidiocese de Braga os concelhos de Carrazeda d'Anciães, de Alfandega da Fé, de Freixo d'Espada á Cinta, de Villa Flôr e parte dos de Mirandella e Mogadouro, pois que era extraordinariamente difficil n'estes tempos o recurso a Braga para tratar-se dos negocios dependentes das repartições ecclesiasticas. A' enormidade da distancia ajuntavam-se a aspereza dos terrenos e o primitivo estado dos caminhos por essa região trasmontana.

Depois da circumscripção diocesana de 1882, perdeu o vicariato de Moncorvo o motivo da sua existencia, porque este canto da Archidiocese foi encorporado na diocese de Bragança, ficando esta, apesar d'isso, uma das menos populosas do Reino, se não com relativa facilidade de communicações, com um notavel encurtamento de distancias; não precisava, como é evidente, de duas camaras ecclesiasticas, de dois archivos de livros findos, e muito menos de dois juizos ecclesiasticos.

Acresciam ainda varias circumstancias de ordem disciplinar que não descreveremos.

Exige-o o bem commum. Mas o que importava isso se a extincção do vicariato lesava interesses particulares! Accusou-se o Prelado de haver exorbitado de direitos!

Felizmente a mentira e a falsidade, derivadas da perda de interesses, e o desejo de vingança não prevaleceram á verdade e á justiça, porque o governo de Sua Magestade confirmou e applaudiu o que mui sabiamente havia decretado o sr. Bispo de Bragança.

O clero de toda a diocese, com o cabido á frente, cerrou fileiras em defeza do seu venerando Prelado, tão imponente foi o protesto, que os maldizentes das rectas intensões de s. ex.ª se viram, em breve, cobertos de vergonha. Este facto, que bem eloquentemente manifesta o profundo amor que o clero dedicava ao seu Bispo, deu-se tres annos depois da sua entrada na diocese.

Enorme foi a difficuldade que se apresentou desde logo ao sr. Bispo de Bragança para prover de clero as parochias do seu bispado, grande numero das quaes se achavam vagas, vendo-se forçado por isso nos primeiros dez annos do seu governo a recorrer ao triste expediente das annexações de duas e tres freguezias, para prover ás necessidades espirituaes mais urgentes d'aquelles povos. Havia uma grande falta de padres, contribuindo principalmente para esta falta a pequena capacidade do antigo Seminario que estava então em muita penuria e em grande desorganisação disciplinar.

O sr. Bispo de Bragança comprehendeu, desde logo, que uma das primeiras providencias a adoptar, para prehencher as parochias que vagavam dia a dia, (com o que em extremo se confrangia o seu coração bondoso) era ampliar o Seminario Diocesano e dotal-o de todos os elementos indispensaveis a um estabelecimento modelar no seu genero, para satisfazer o fim a que mirava, qual era obter clero sufficiente para occorrer ás necessidades da Diocese, e este morigerado, illustrado, e digno da alta missão do sacerdocio.

Com a tenacidade do seu espirito emprehendedor e com a illustrada orientação da sua intelligencia, conseguiu o sr. Dom José Alves de Mariz fundar em poucos annos um Seminario inteiramente novo, tanto na parte material pela construcção de um magnifico edificio, satisfazendo a todos os requisitos da hygiene, como no que elle tem de immaterial, organisando os estudos theologicos e preparatorios, estabelecendo cadeiras novas, ampliando o programma de outras, e pondo-o emfim a par dos melhores estabelecimentos congeneres do paiz.

O Seminario de Bragança foi o segundo do reino onde se ensinaram as disciplinas de philosophia escolastica e sciencias naturaes. Os estatutos por que este Seminario se ficou regendo, e que foram elaborados pelo proprio sr. Bispo, são um modelo digno de imitar-se.

Foi a diocese de Bragança a primeira do paiz onde houve exercicios espirituaes ao clero, promovidos por este Prelado.

Seria empreza bastante difficil se tentassemos descrever as medidas do sr. Bispo de Bragança sobre administração diocesana com relação ao clero parochial, e outras providencias não menos importantes de interesse geral e bem estar dos povos. Supra essas difficuldades a enumeração das principaes causas da decadencia religiosa para se fazer uma idéa da collossal empreza, a que o sr. Dom José Alves de Mariz metteu hombros com o benemerito fim de disciplinar a diocese de Bragança.

O que era a disciplina ecclesiastica antes da sua entrada na diocese? Um verdadeiro cahos. Não havia registo parochial nas devidas condições exigidas pela lei. O clero, com honrosas excepções, não tinha a instrucção sufficiente, tornando-se por isso muito difficil a regularisação d'este importante ramo de serviço publico.

Como se exercia o culto n'este bispado, especialmente nas parochias mais distantes e sertanejas? Era talvez como nos sertões d'Africa: Confissões feitas pelas penitentes atravez de crivos de joeirar; procissões ridiculas e por vezes indecorosas; representações ou autos no interior dos templos, a que pelo Natal se dava o nome de *Pastoradas*; agglomerações nocturnas do povo dentro das egrejas e ermidas, com promiscuidade de sexos, por occasião das romarias e das novenas preparatorias!

Onde se faziam os enterramentos em quasi todas as freguezias senão dentro das egrejas parochiaes, com manifesto prejuizo da saude publica?! Cemiterios, havia-os só nas principaes povoações da diocese

A esta enorme serie de faltas de disciplina ecclesiastica, de preconceitos e abusos do culto religioso entre os povos, e de falta de hygiene e asseio nos templos, oppoz o sr. Dom José Alves de Mariz (além das admoestações feitas *de visu*, em suas homilias, ao clero parochial e aos fieis nas suas visitas aos differentes arciprestados) as setenta e quatro pastoraes e circulares impressas, onde se patenteia, além de muita prudencia e admiravel tacto governativo, muita instrucção religiosa e scientifica, documentos estes que de per si sós são bastantes para evidenciar os meritos d'este illustre Antistite.

Do seu grande e incontestavel valor são uma prova cabal e concludente os elogios com que a imprensa periodica tem sempre saudado essas publicações, além dos seus effeitos decisivos e alterações profundas, que todos podem observar na boa ordem e disciplina em que actualmente se encontra esta diocese.

Devemos destacar duas provisões sobremodo notaveis pelo seu caracter patriotico e scientifico, e que são a *Provisão sobre o 4.º centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India* e a *Provisão sobre Archeologia*.

Estes dois documentos foram recebidos com grande alvoroço por todos os que se interessam pelas glorias nacionaes e pelos progressos da sciencia archeologica em Portugal.

Uma Pastoral, tambem de alto valor litterario e scientifico, que faz honra ao S. Bispo de Bragança, é a sua «*Exhortação sobre Quaresma de 1903, Penitencia e encerramento do jubileu pontifical do SS. Padre Leão XIII.*» Este documento «merece ser lido e meditado attentamente por quantos se preoccupam ainda com a vida social e religiosa dos povos.»

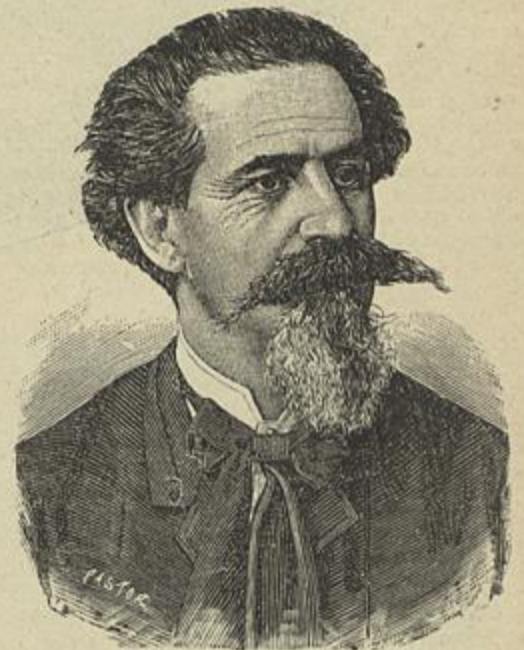
Quando ha um anno se installou no Paço Episcopal a delegação districtal da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, o illustre presidente Sr. Bispo de Bragança, discursando sobre a necessidade de, n'este districto, se promover por todos os meios a lucta contra a tuberculose, indicou, entre outros, o dispensario para consultas e applicações therapeuticas gratuitas, o hospital com pavilhões isolados para tysicos, e o sanatorio para tratamento dos doentes em altitudes elevadas. Estas medidas foram calorosamente abraçadas pelos technicos, tanto mais que na séde da diocese não existe um hospital civil, digno de tal nome.

Quanto a outros rasgos do coração bondoso e caritativo do Sr. Bispo de Bragança, manifestados em muitos actos da sua vida apostolica, deixemo-los na sombra para não mortificar a modestia da sua alma bem formada; basta que os guardem na sua consciencia os muitos beneficiados, que a sua mão generosa e a sua iniciativa humanitaria tem espalhado profusamente e por diversas formas pela diocese.

Continue, pois, o nobre Antistite na gloriosa senda emprehendida, devendo estar certo de que nunca lhe faltarão o respeito, a veneração e o reconhecimento dos seus queridos diocesanos, por tantos beneficios de que lhe são devedores.

JOSÉ JOAQUIM PINTO

E' um dos mais antigos e dos mais estimados emprezarios de Lisboa.

A sua comprovada honradez, o modo affavel como attende a todos os seus escripturados, ao jornalismo e ao publico, com que ha tantos annos lida, e de quem é querido, a maneira sempre correcta como cumpre todos os seus contractos, tornaram-o de ha muito um verdadeiro modelo dos emprezarios de theatro, logar que elle vae abandonar e de que muitos certamente hão de sentir a falta.

JOSÉ JOAQUIM PINTO

José Joaquim Pinto completou no dia 4 do corrente 68 annos, tendo sido em 1835 a data do seu nascimento.

Empregado no Supremo Tribunal de Justiça onde tem a estima de todos pelos seus bellos dotes de caracter, associou-se em 1869 com o actor José Carlos dos Santos para a exploração do Theatro do Principe Real.

D'ali passaram os dois societarios a tomarem a empreza do Theatro de D. Maria, sendo esta porventura uma das epocas mais brilhantes do nosso theatro normal, epoca que se prolongou até que José Carlos dos Santos teve de abandonar a direcção d'aquelle theatro por ser preterido no concurso da sua adjudicação.

Com o actor Santos sahiu José Joaquim Pinto para o theatro do Gymnasio, acompanhando ainda aquelle illustre artista na empreza do theatro da Rua dos Condes.

Retirando-se da sociedade o actor Santos continuou o seu consocio com a empreza da Rua dos Condes, tomando em setembro de 1881 o theatro do Gymnasio, onde tem mantido sempre o genero de espectaculos predilecto do publico que o frequenta assiduamente

Com umas epocas mais felizes do que outras, do que em parte tem muitas vezes sido causa o bom ou mau agrado das peças que ali teem subido á scena, José Joaquim Pinto, tendo a seu lado um dos homens mais conhecedores da scena e mais infatigaveis no trabalho, Leopoldo de Carvalho, conseguiu todas as epocas apresentar um repertorio variadissimo e escolhido, dando só *reprises* muito excepcionaes de peças que tenham

BRAGANÇA

PELOURINHO DE BRAGANÇA

tido um grande exito, ou que por terem sido postas nos finaes das epocas, não haviam ainda sido devidamente exploradas.

Era este o seu grande tacto como emprezario, qualidade que infelizmente não vemos muito reproduzida nos seus collegas.

Com a sua retirada do Gymnasio José Joaquim Pinto deixa vago um logar de emprezario theatral, que tarde será suprido, dadas as qualidades excepcionaes que n'elle concorriam e que todos que vivem n'este meio tinham na mais elevada e respeitosa consideração.

BRAGANÇA

A historica cidade de Traz-os-Montes que é assumpto hoje d'uma das nossas gravuras data de 1130, e foi fundada por D. Fernando Mendes, cunhado de D. Affonso Henriques, e readificada por D. Sancho I, depois de ter sido destruida pelos mouros, mandando-a povoar pelos annos de 1185 a 1187.

No local da actual cidade havia uma pequena aldeia chamada Bemquerença, e foi esta aldeia que tomou o nome mais tarde da velha cidade fundada por Brigo 1906 annos antes de Chrito, cujas ruinas ainda se veem a pouca distancia.

Bragança pertenceu á corôa até que D. Fernando I a deu com a villa do Outeiro a João Affonso Pimentel em dote a sua cunhada D. Joanna. Telles de Menezes, irmã bastarda da Rainha D. Leonor.

Por morte de D. Fernando, João Affonsso Pimentel tornou-se partidario de Cestella e D. João I, por essa razão, sequestrou-lhe os bens que elle tinha em Portugal.

Foi depois senhor de Bragança D. Fernando, filho bastardo do infante D. João e neto de D. Pedro I, casado com D. Leonor Coutinho, succedendo-lhe, no senhorio, seu filho D. Duarte.

Morrendo D. Duarte sem filhos o infante regente D. Pedro deu Bragança a titulo de ducado a D. Affonsso, conde de Barcellos, que foi o primeiro duque de Bragança.

Tanto a cidade como o Castello e um forte que lhe está proximo não tem condições de defeza, sendo uma parte da muralha do castello derrotada pelos hespanhoes, em 1762, e o forte completamente desmantelado.

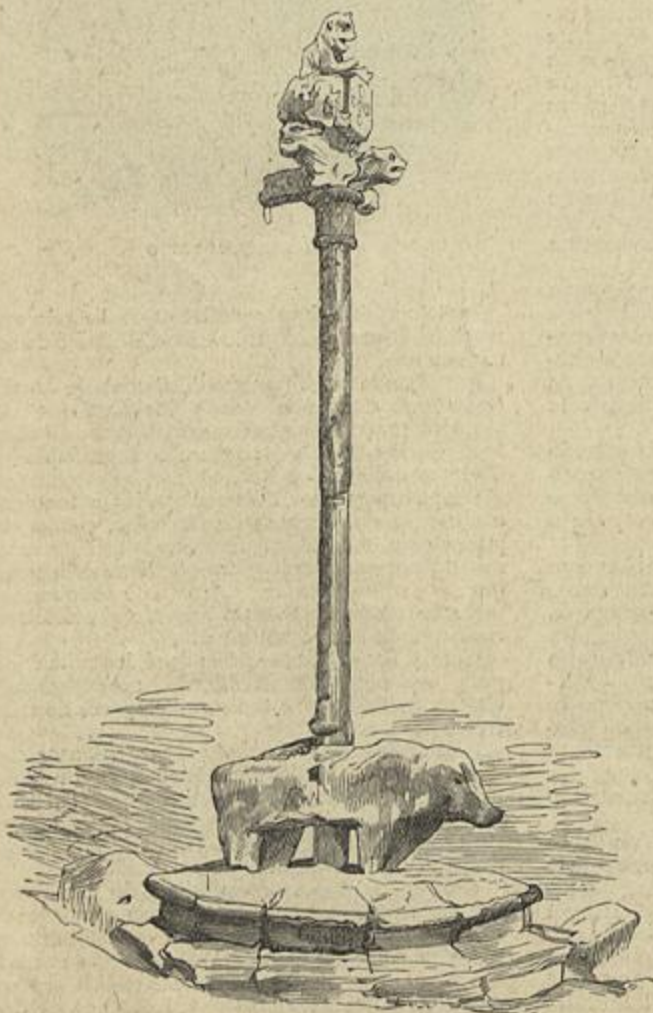
Junto ao castello veem-se as ruinas d'uma casa acastelada que pertencera aos duques de Bragança.

A casa da camara é um edificio celebre pela sua architectura em estylo romano e por haver sido muito tempo paço dos duques de Bragança.

O polvurinho é extremamente curioso e indica a mais remota antiguidade.

A actual cidade tem duas freguezias Sé e Santa Maria e fica situada perto ás margens do pequeno rio Fervença que vae desaguar no Sabôr.

Bragança foi n'outro tempo celebre pela industria de voludos, damascos, gorgorões e outras fazendas que se fabricavam ali primorosamente, em grande escala.

Em 12 de Junho de 1808 Bragança revolucionou-se contra Junot. Esta revolução propagou-se com tão grande incremento ás provincias do norte, que, em pouco tempo, o general francez soffria uma importante derrota a qual o obrigou a retirar-se para França.

PRINCEZA CLEMENTINA DA BELGICA

Actualmente Bragança conta cerca de 5500 habitantes. E' comarca de 1.ª classe, séde do bispado de Bragança e praça de guerra de 2.ª classe.

Tem alfandega de raia, lyceu nacional e seminario. Mantem commercio activo com Hespanha, Villa Real e Peso da Regua.

A PRINCEZA CLEMENTINA DA BELGICA

E' a terceira filha do rei Leopoldo e nasceu a 30 de julho de 1872.

A princeza Clementina, que ultimamente tomou o titulo de Condessa de Longway é irmã da archi-duqueza d'Austria Estephania Clotilde Luiza Herminia Maria Carlota, duqueza de Saxe Coburgo Gotha viuva do principe Rodolpho d'Austria que em 1889 deu fim tragico á vida.

O nome da princeza Clementina veio agora á luz da publicidade, por esta senhora ter resolvido retirar-se da côrte e professar n'um convento.

O romance que esta resolução envolve não nos é dado devassar, mas certamente motivos poderosos terão influido no espirito da gentil princeza para recusando a mão de principes rendidos á sua extraordinaria belleza, preferir a vida da clausura.

A CAÇA NO TERRITORIO DE MANICA E SOFALA

O caçador Johnstone é um dos mais corajosos que tem pisado terras africanas, onde a caça offerece os maiores perigos pela natureza dos animaes caçados.

A este respeito encontramos no livro *O Territorio de Manica e Sofala* os seguintes periodos que com a devida venia transcrevemos:

A ordem dos *proboscidios* só representada no mundo pelas duas especies de elephantes da Asia e da Africa, é especialmente interessante pela estima e emprego das suas defezas, o *marfim*. Frugaes, timidos, quasi inoffensivos, os elephantes não teem achado piedade na cubiça humana, que tão longe tem ido e tão cega tem sido, que quasi tem feito extinguir esta velha raça, destruindo assim, por excesso de avidez, um dos mais apreciados e ri-

A CAÇA NO TERRITORIO DE MANICA E SOFALA — O CAÇADOR JOHNSTONE

cos generos do commercio exotico. Pois, apesar do Territorio não ter sido indemne da estupidez cubiçosa dos caçadores de elephantes, apesar d'estes terem desapparecido de algumas das suas regiões, o paiz é ainda hoje um dos mais ricos, com relação á sua área, a respeito d'estes grandes animaes.

Todo o baixo valle do Pungue, sobretudo na margem esquerda, é um paiz de elephantes, que abundam e se encontram em manadas no Chupanga, Absintha, Cheringoma, na Gorongoza e no Barué do sul. Ha ainda elephantes no medio Buzi e abundam na Madanda. Segundo Xavier Botelho, havia-os em Mambone e na Machanga, no seu tempo, onde hoje já não apparecem.

Os *ruminantes cavicornos* são representados em grandes quantidades n'estas mesmas regiões, que são as de grossa caça: *bufalos* e *antilopes* vagueiam em grandes manadas em ambas as margens do Pungue, assim como na Gorongoza e no Cheringoma. O *buffalo*, que pertence á familia dos *bovidios*, anda quasi sempre em grossas manadas, sendo então timido e cobarde. Isolado ou ferido, torna-se o mais feroz de todos os animaes da creação, pelo que a sua caçada exige grandes condições de intrepidez e de atirador, sendo tambem preciso armamento especial, visto poderem resistir, sem desfallecer, a varios tiros certeiros das boas armas de guerra. Ha muitas variedades de antilopes e gazellas, como *merus* ou *burros do matto*, os *cavallos do matto*, *enhacosso*, *dongas*, etc., em todo ou quasi todo o Territorio, mesmo nos sitios onde a caça é mais escassa, como em Manica, sendo prodigiosa a quantidade d'estes animaes entre o baixo Pungue e o baixo Buzi. Um *equideo* selvagem, a curiosa *zebra*, apparece em varios logares, como na Gorongoza e baixo Quiteve e encontram-se na Zambezia, (Chupanga, Absintha, etc.) os *rhinocerontes*, interessante familia dos *ongulados perissodactylos*, composta de ferozes e perigosos animaes, que dos seus cornos frontaes fornecem uma substancia apreciada para objectos de ornamento e conhecida no commercio pelo nome de ponta de *abada*, por ser *abada* ou *bada* o nome que, do Extremo Oriente, nós trouxemos para estes animaes. Ha quem cite a *girafa*, outra familia de *ruminantes*, nas terras proximas de Sofála.

Os grandes *carnivoros* da familia dos *felideos*, os *leões*, *leopardos* e *pantheras*, mostram-se em grande parte do Territorio e abundam especialmente nas regiões já designadas como paizes de caça grossa. São elles que mais attraem os espiritos aventureiros, havendo na Beira caçadores de profissão que os acompanham e que contam muitos actos de grande coragem na lucta contra estes animaes. O *leão* e o *leopardo* fazem ainda algumas victimas entre os proprios indigenas, mas atacam principalmente o gado domestico, arrebatando, por anno, algumas cabeças.

Devemos ainda citar, dentro dos carnivoros, a covarde e lugubre *hyena*, ululando e gemendo todas as noites em torno dos logares habitados e procurando o seu alimento nas carnes decompostas dos animaes mortos, assim como a *raposa*, o *chacal* e o *gato de algalea* ou *ginete* que, como a *hyena*, se encontram aqui e além e um pouco por toda a parte.

Entre os *ongulados* devemos citar ainda, em primeiro logar, os *pachydermos* como o *porco montez* que existe no Govuro, Zambezia, Gorongoza e em muitos outros sitios, e seguidamente apontaremos o *hypopotamo* ou *cavallo marinho* que se encontra em todos os rios e lagôas. Este feio, mas pacifico, animal *herbivoro*, que se delicia em prolongados banhos, soffre guerra sem descanço, porque os seus dentes sobretudo os maiores recurvados como os dos *javalis*, são de um *marfim* muito apreciado e a sua pelle fornece, em tiras, chicotes e bengalas de algum valor.

Os *roedores* são mais ou menos representados em todo o Territorio pelas especies comestiveis, coelhos e lebres, como pelas especies damninhas dos *ratos*. Ha ainda muitos outros pequenos animaes *carnivoros* e *insectivoros*, que não vale a pena nomear e que habitam todo o paiz.

Alguns dos animaes designados fornecem carne apreciada pelos euro[illegible] como os antilopes, lebres, coelhos, [illegible], etc., mas os indigenas comem a de todos os outros, com raras excepções, como a da hyena, do leopardo, etc.

Os *primatas* são representados, além dos typos humanos, por muitas variedades de *simianos*, que abundam em differentes logares, como no Govuro, e que mais ou menos se encontram por toda a parte. Não ha, porém, felizmente, nenhuma especie dos terriveis *anthropomorphos*, como os *gorillas* do Gabão e os *chimpanzés* da Guiné.

A curiosa ordem dos mamiferos *cheiropteros* é representada por bastantes morcegos.

EM CINTRA

Quero sósinho estar co'a natureza.
Abafam-me estes ares da cidade,
Onde minh'alma vive como presa.

Anceio respirar, longe, á vontade;
Quebrar estes estreitos horizontes;
As cadeias trocar em liberdade;

Subir ao cime de elevados montes;
Co'os olhos abranger o espaço immenso;
Ouvindo o som monotono das fontes,

Deixar correr o espirito suspenso
Nas azas da iriada phantasia,
Envolto do mysterio no véo denso;

Ir no valle aspirar melancholia;
E, do commercio humano segregado,
Os effluvios colher da poesia,

Ao cantico das aves ajustado,
Ao murmúrio da brisa no arvoredo,
Ao perfume das flores emanado;

Pedir a cada coisa o seu segredo:
Ao mar distante, ao passaro que vôa,
Ao tronco, á relva, ao córrego, ao penêdo.

Vâmos a Cintra pois, á que pregôa
Dos poetas a lyra um paraizo,
Cuja fama sem par na terra sôa.

É das suas bellezas que eu preciso;
Que ella reune em si quanto desejo,
Mil dons que n'outra parte não diviso.

Mais me captiva quanto mais a vejo,
Esquiva, meio occulta na verdura,
Bem como virgem que recata o pejo,

Mudando a cada instante a formosura,
Já triste, já risonha, já severa,
Já toda luz, já sombras e frescura,

Já arrojada á celestial esphera,
Já afundada em valles deleitosos,
Mais linda sempre do que d'antes era.

Onde retiros ha tão silenciosos?
Onde nos falam tanto as aguas claras,
Saltando pelos leitos pedregosos?

D'onde recordações nos ve'm mais caras?
Onde o que a sorte a padecer condemna
Sente as chagas que tem menos amaras?

Quero estar só n'aquella estancia amena.
Vâmos a Cintra pois; vâmos com ella
Desafogar a represada pena.

E fui; e nunca me sorriu tão bella;
Mas com olhos assim tão descuidados
Tambem da natureza a rica téla

Jámais eu vi. Seus sitios apartados
Não busquei; não subi seus altos montes;
Não desci a seus valles encantados;

Mal contemplei seus largos horizontes;
Mal ouvi seus alados trovadores;
Não poetei ao suspirar das fontes;

Não lhe communiquei meus dissabores;
Não estive só com ella n'esse dia;
Depois de o procurar com taes ardores!

É que ali te encontrei, minh'alegria,
Ó filha de meu filho, ó flor de esp'rança,
E antes quiz desfructar-te a companhia.

Tudo, ao ver-te, fugiu-me da lembrança,
Pois nada para mim ha n'este mundo
Mais gentil, do que tu, gentil criança,

Com teu olhar, tão meigo, tão profundo,
Com as tuas perguntas de innocente,
Com teu bom coração, teu rir jocundo,

Que me trazem a ideia docemente
De um outro meu pequeno companheiro
Que me seguia outrora assiduamente,

De teu pae. Como foi tão feiticeiro
O tempo que então juntos passeámos!
E como decorreu, voou ligeiro!

Nunca te esqueças de onde então andámos,
De Setiais, do Penedo da Saudade,
Do panorama que d'ahi gosámos.

Eu de hora de tamanha f'licidade
Nunca me olvidarei; e mais belleza
D'esse éden acharei na amenidade,

Se outra vez lá tornar, e á natureza
Fôr, só, dizer meu intimo queixume;
Que da tua innocencia e singeleza

Beberei nos seus ares o perfume;
Que a voz, das aves te ouvirei no canto;
Que teus olhos verei no ethereo lume;

Que d'esses bosques de cerrado manto
Até mesmo crerei ver tua imagem
Sahir, apparecer me por encanto;

E ouvir teu passo rapido na aragem;
E o teu riso, e o mover do teu vestido
No ramalhar da trépida folhagem
Ou das correntes aguas no ruido.

1903 — Setembro, 26. *Ramos-Coelho.*

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

II LIQUIDOS

(Continuado do n.º 893)

Como dissemos os liquidos tomam a forma dos vasos em que estão contidos. Enchendo de agua um vaso de vidro estreito, esta tomará a forma do frasco. Se o transvasarmos para outro frasco, mais largo, o liquido tomará a forma d'este segundo frasco, occupando, no emtanto, maior volume do que no primeiro, devido á largura do frasco ser maior.

A quantidade de agua contida no segundo frasco, não é rigorosamente egual á que continha o primeiro, devido a que algumas gottas de liquido ficaram adherentes ás paredes. A esta propriedade dos liquidos, denomina-se *viscosidade*. O alcool e o ether são pouco viscosos. O acido sulphurico e os oleos gordos são muito viscosos.

Da mesma forma que os solidos, os liquidos teem *compressibilidade* e *elasticidade*. Considerando os liquidos como perfeitamente elasticos, dotados de grande mobilidade entre as suas moleculas e subtrahidos á acção da gravidade, Pascal demonstrou que, se exercermos uma pressão, n'um ponto qualquer da sua massa, esta transmittir-se-ha, em todos os sentidos com egual intensidade. Se, n'uma esphera ôca, crivada de orificios de egual grandeza, exercermos uma pressão n'um d'esses orificios, o liquido sahirá com egual força por todos elles.

Este principio denomina-se *principio de egualdade de pressão*.

Como consequencia d'este principio, reconhece-se que, para que um liquido esteja em equilibrio, é necessario que cada molecula do liquido seja egualmente premida em todos os sentidos. Como a superficie livre de um liquido em equilibrio deverá ser, sempre, em cada ponto, perpendicular á direcção da gravidade, a superficie dos liquidos, é sempre plana e horisontal. Nas grandes extensões, como nos mares e oceanos, essa superficie toma, porém, a forma curva, devido á fórma da Terra.

A' superficie dos mares denomina-se *nivel*. Este nivel é variavel, devido, não só á acção da gravidade, como tambem, á força centrifuga e á attracção das montanhas do sol e da lua. Como superficie real do nivel dos mares, deverá tomar-se a superficie media entre a do *preamar* e a do *baixamar*. Em virtude do principio de egualdade de pressão, reconheceu-se a existencia de tres especies de pressões: *pressão vertical de cima para baixo*, *pressão vertical de baixo para cima* e *pressão lateral sobre as paredes dos vasos*.

Pressão vertical de cima para baixo. Se n'um tubo recurvado em angulo recto contendo mercurio, adaptarmos a um dos seus ramos, successivamente, varios vasos de vidro de diversa forma, mas cujo fundo ôco, seja sempre egual em todos elles, e deitarmos agua á mesma altura *ab*, ver-se-ha que o mercurio subirá no tubo *t*, do outro ramo do tubo, sempre á mesma altura, o que denota que a pressão que a agua exerce sobre o mercurio existente no fundo dos vasos, é sempre a mesma, independentemente da forma dos vasos, comtanto que estes tenham a mesma base, e o nivel do liquido seja egual em todos elles.

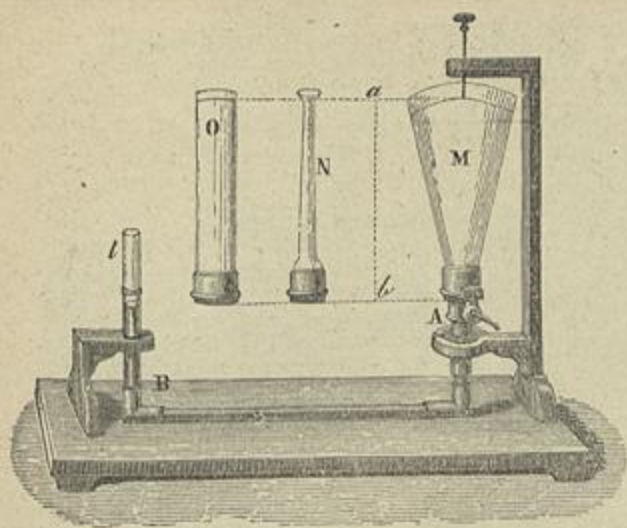



Fig. 26

D'aqui concluimos que nos vasos de bocca larga, a pressão sobre a base d'esse vaso, é menor que o peso do liquido n'elle contido; nos vasos de bocca estreita, essa pressão é menor do que o peso do liquido, e finalmente, nos vasos rectos, a pressão é egual ao peso de todo o liquido. Por esse motivo é que deitando agua n'um tubo estreito de dez metros, introduzido n'uma pipa cheia de agua, o tubo rebenta, por ter de supportar uma pressão superior á do peso do liquido.

A pressão vertical de cima para baixo é, pois, egual ao peso de uma columna liquida cuja base é a superficie premida, e cuja altura é egual á distancia d'esse ponto até á superficie livre do liquido.

Pressão vertical de baixo para cima. Se tomarmos um vidro de candeeiro cylindrico munido de um obturador, n'um dos extremos, sustentado por um fio delgado e introduzirmos o vidro assim preparado, n'um vaso cheio de agua, segurando-se o fio com uma das mãos, para que o obturador não caia, observar-se-ha que o disco não cae, se o largarmos, devido á pressão do liquido debaixo para cima. Deitando agua dentro do vidro até o nivel depassar um pouco, o nivel do liquido, no vaso externo, o obturador desprender-se-ha do fundo do vidro, visto que a pressão de cima para baixo equilibra a pressão de baixo para cima; d'onde concluimos, que as duas pressões verticaes que os liquidos exercem sobre os vasos são perfeitamente eguaes.

Pressão vertical. Um tubo *C* é movel em torno de um eixo vertical e atravessado por um ou mais tubos horisontaes A B, recurvados em sentido opposto, nas extremidades. O liquido é lançado pela torneira do reservatorio E, e vae exer-

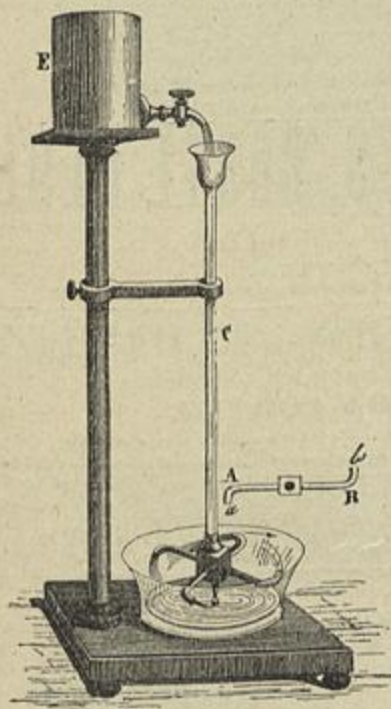



Fig. 27

cer pressões eguaes, em todos os sentidos, no tubo C, as quaes se equilibram, emquanto os orificios a, b, se acharem vedados, porém, abrindo estes, o liquido sahe, exercendo-se pressão, em sentido opposto, em *a* e *b*, dando origem a um binario que provoca o movimento de rotação do tubo, em torno do eixo e em sentido inverso ao do esgoto.

Este apparelho, conhecido pelo *torniquete hydraulico*, demonstra-nos a existencia da pressão lateral nos liquidos. Essa pressão é egual a um cylindro liquido cuja base é egual á superficie premida, e cuja altura é egual a distancia do centro de gravidade d'essa superficie, ao nivel livre do liquido.

Temos considerado, até aqui, um unico liquido contido n'um só vaso. Consideremos agora, varios liquidos n'um vaso, varios liquidos em vasos communicantes, e um só liquido, em vasos communicantes.

1. Introduzindo n'um frasco qualquer, oleo de naphta, alcool corado, uma solução aquosa saturada de carbonato do potassio e mercurio, agitando, em seguida, o frasco, e deixando repousar o conteúdo, veremos que cada um dos liquidos separar-se-ha, collocando-se segundo a ordem da sua densidade, o mais denso na parte inferior, e, por conseguinte, o menos denso na parte superior.

Densidade de um corpo, é a relação entre o seu peso e egual volume d'agua a 4°, (temperatura em que a agua adquire o maximo da sua densidade)

2. N'um tubo em U, lancemos mercurio. Notar-se-ha que este se eleva á mesma altura, nos dois ramos. Se deitarmos agua, n'um d'elles, o mercurio elevar-se-ha no ramo opposto. Medindo a altura dos dois liquidos além da superficie de separação, veremos que estes estão na razão inversa das suas densidades.

3. Adaptemos um tubo de cautchouc a um funil, e no outro extremo do tubo, um tubo recto de vidro. Seguremos o funil com uma das mãos, e o tubo com a outra e lancemos agua no funil. Notaremos que a agua se eleva, tanto no tubo, como no funil, á mesma altura. Se collocarmos o nivel do funil, superior ao do tubo, a agua sahe, pelo extremo d'este, repuxando, até attingir uma altura egual á do nivel do funil.

E' este, o principio applicado, nos repuxos dos jardins. A agua sahindo de um reservatorio elevado, e sahindo pela abertura do repuxo, tende a elevar-se ao mesmo nivel d'aquelle.

Os poços *artezianos*, são fundados nos mesmos principios. A agua das chuvas *neves*, etc. infiltram-se através dos terrenos permeaveis até encontrarem um terreno impermeavel, correndo, então, ao largo d'essa camada. Abrindo poços até estabelecer communicação entre essa camada e a superficie da terra, a agua tendendo a ter o mesmo nivel, eleva-se até esse ponto, em fórma de repuxo. Estas aguas são, em geral, quentes, e tanto mais quanto maior fôr a sua profundidade. Em Grenelle, ha um poço artesiano com 548 metros de profundidade fornecendo 2:400 litros de agua por minuto tendo essa agua, a temperatura de 27°.

Os poços artesianos são *fontes artificiaes*, por serem feitas pela mão do homem, em opposição ás fontes *naturaes*.

As fontes *naturaes* podem ser *permanentes*, *variaveis*, *temporarias* e *intermittentes*.

(Continúa). *Antonio A. O. Machado.*

O MEZ METEOROLOGICO

Outubro, 1903

Barometro Altura maxima 772,mm0 em 30.
» » minima 753,mm6 em 27.
Thermometro Altura maxima 25°,8 em 5.
» » minima 11°,5 em 28.

A temperatura conservou-se um pouco elevada até 8, sendo os dias mais quentes os de 3 (max. 23°,0), 4 (24°,3), 5-6 (25°,6) e 7 (23°,4).

De 9 a 15 approximou-se mais da normal, tornando de novo a columna thermometrica, a elevar-se, de 16 a 19, com um maximo, em 16, de 24°,1. Com o tempo brusco e chuvoso de 20 a 30, baixou de novo o thermometro, com maximas inferiores a 20°, até ao ultimo do mez.

Vento.—NE até 10, SW em 11 e 12, NE de 12 a 19, NW até 23, SW de 24 a 27 e NE até 31.

Chuvas.—62mm,8 divididos em 9 dias. Um unico dia de chuva notavel em 24 (18mm,6) acompanhado de relampagos.

Nevoeiro em 24.
Arco iris em 25.
Ceu. Bom tempo 14 dias.
» Nublado 16 »
» Encoberto 1 »

NECROLOGIA

CONSELHEIRO JOSÉ FILIPPE

Um dos fundadores do hospital das caldas

Lisboa foi surprehendida pelo fallecimento d'este distincto clinico, que trazia de ha annos ligado o seu nome aos importantes melhoramentos porque tem passado o Hospital Real das Caldas da Rainha, de que elle era director, e ao aformoseamento d'aquella pittoresca e encantadora villa.

E dizendo Lisboa foi surprehendida não exageramos, porque pode-se dizer que Lisboa inteira conhecia o conselheiro José Filippe, de nome pelo menos, pois mesmo dos que não iam todos os annos ás Caldas da Rainha, elle era conhecido como um clinico abalisado e de profunda illustração, o que lhe grangeou o prestigio que disfructava no mundo da sciencia e no mundo official.

O conselheiro José Filippe de Andrade Rebello falleceu no dia 2 do corrente, victimado por um anthraz e diabetes.

Era filho de João Filippe da Silva Rebello e de D. Maria do Carmo Andrade Rebello e natural da Moita dos Ferreiros onde nascera a 21 de Julho de 1838, contando 65 annos e alguns mezes de idade.

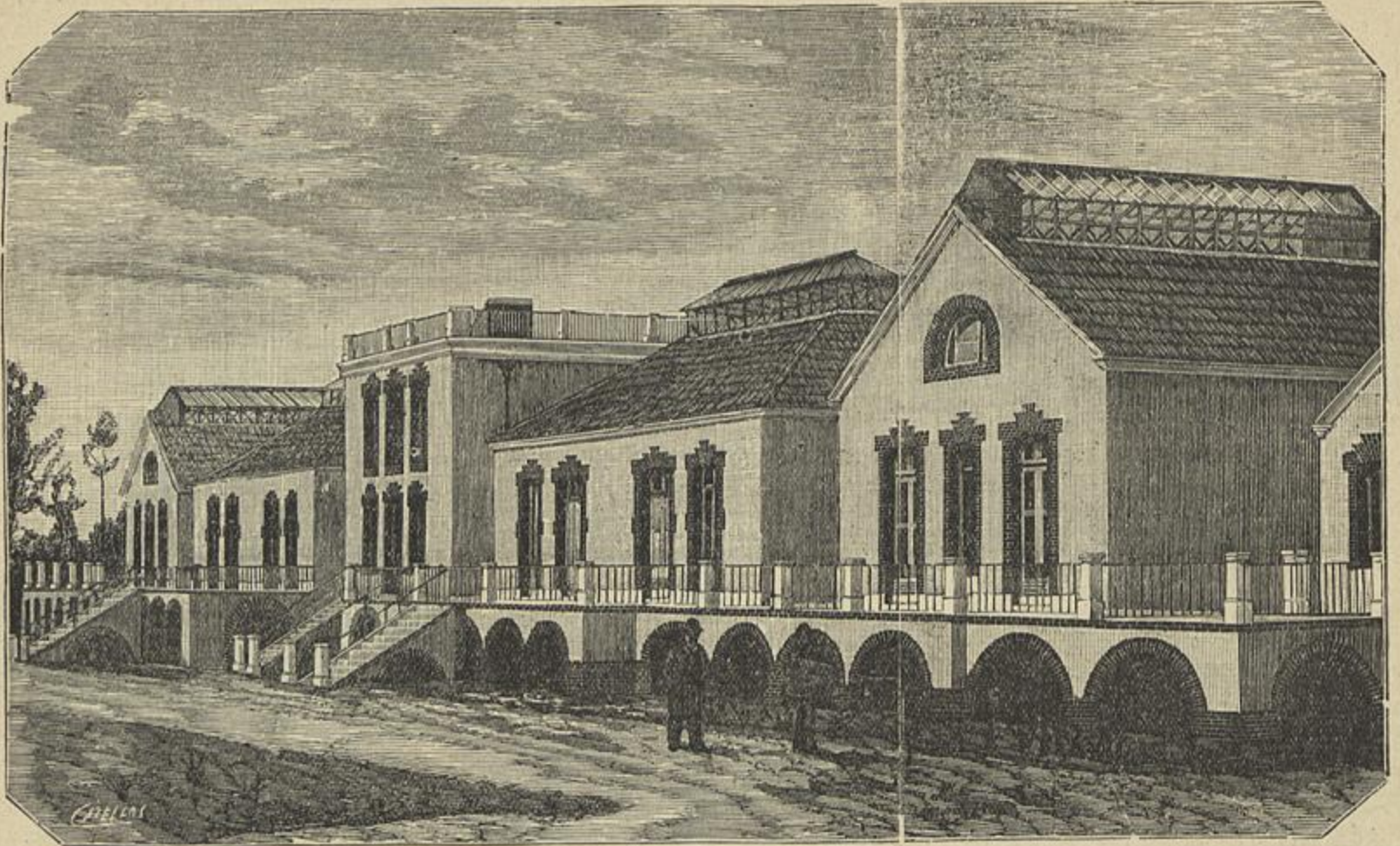
Estudante distincto e laureado, defendeu these na Escola Medica de Lisboa em 1866, indo logo depois estabelecer-se nas Caldas da Rainha, onde começou exercendo a clinica com tão notavel pericia e com tão grande affabilidade de tracto que, dentro em pouco não havia ninguem que não tivesse pelo dr. José Filippe uma sincera e profunda sympathia.

E' que o novo medico era alem de tudo um homem de excellentes qualidades de coração, e os pobres encontraram tambem n'elle não só um dedicado e carinhoso clinico como um protector e um amigo.

Em 21 de Janeiro 1867 foi nomeado medico do Hospital Real, passando em 1876, por decreto de 10 de maio, a medico de 2.ª classe do mesmo hospital e em setembro de 1877 a medico de 1.ª classe.

Nomeado director do hospital foi lhe tambem conferida a carta de conselho, distincções deveras bem cabidas a quem tão notaveis serviços tinha já prestado em tão longos annos áquelle estabelecimento do Estado.

Não podia ser mais significativa a manifestação de pezar que a villa inteira prestou ao saber do passamento d'aquelle que em vida fôra o mais dedicado, o mais querido, o mais dilecto filho das Caldas da Rainha.

Todo o commercio conservou as portas cerradas e o seu funeral foi impunente, podendo-se affirmar que toda a população Caldense, em um numero superior a tres mil pessoas, acompanhou á ultima morada o illustre extincto.

O NOVO HOSPITAL DAS CALDAS DA RAINHA